

## Casa de Cultura e Civismo

**Luiz Fernando Magdalena**  
**Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana**  
[luizfernando@fortedecopacabana.com](mailto:luizfernando@fortedecopacabana.com)



## INTRODUÇÃO

A 19 de dezembro de 1986, o então Ministro do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves mandava publicar a Portaria N° 061, na qual ordenava a criação do Museu Histórico do Exército no Forte de Copacabana. A Portaria, a N° 016, a 4 de junho de 1987, extinguiu o Museu do Exército e o 3° Grupo de Artilharia de Costa, além de transferir todo o acervo existente nas Casas Históricas de Deodoro e Osório para o novo Museu.

A partir desse momento, o Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana formou uma equipe técnica multidisciplinar e, em setembro de 1996, inaugurou o Salão Colônia-Império com a Exposição Permanente “O Exército na Formação da Nacionalidade”.

Em 11 de maio de 1998, foi inaugurado o Salão República dando continuidade à Exposição Permanente, mostrando a atuação do Exército Brasileiro no período Republicano, até 1945. Em 12 de outubro do mesmo ano foi inaugurado, também, o Museu Militar Conde de Linhares (MMCL).

O Museu Histórico do Exército hoje constitui um importante espaço para o Exército Brasileiro e para a sociedade carioca. Mais do que apenas um museu, o Museu Histórico do Exército tornou-se hoje um importante centro cultural formado pelo Forte de Copacabana, importante fortificação e sítio histórico brasileiro e razão de ser da localização do Museu, as exposições de longa duração e os espaços para eventos. Além disso, existem os espaços culturais vinculados como o Museu Militar Conde de Linhares, a Casa Histórica de Deodoro e o Pantheon Duque de Caxias, que ajudam a conferir ao MHEx/FC o status de centro cultural.

Ciente da missão de preservar, salvaguardar e disseminar a História do Exército Brasileiro, o Museu tem buscado dinamizar a sua atuação cultural, a fim de atender as demandas de seu público interno e externo.

## **HISTÓRICO – A FORTIFICAÇÃO**

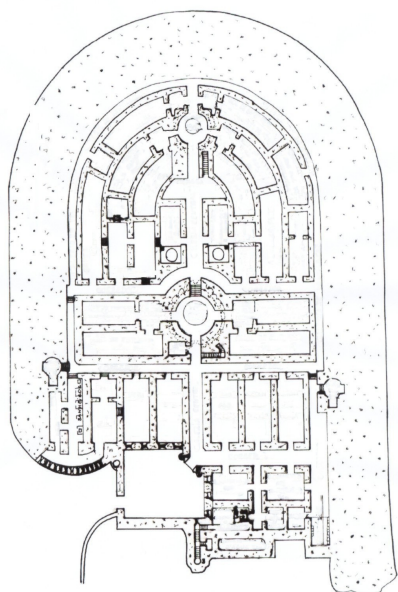
Para entendermos os motivos que levaram à construção do Forte de Copacabana, devemos inicialmente tentar compreender que esta fortificação constitui uma parte de um todo, o qual denominamos de “sistema defensivo da cidade do Rio de Janeiro”, mais precisamente da Baía de Guanabara, que encerra em seu interior um porto, o qual, ao longo dos séculos, cresceu em importância, devido ao crescente comércio da cidade.

Local propício para abrigar um porto e, por sua vez, uma importante cidade, a Baía da Guanabara foi palco do estabelecimento de fortificações desde o ano de 1555, quando da aventura da colonização francesa de Villegaignon. A partir daí, a região ganhou importância, sendo retomada pelos portugueses, que nela fundaram a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Ao longo do tempo, sua notoriedade cresceria, levando-a ao status de capital da Colônia e atraindo a cobiça dos inimigos da Coroa Portuguesa.

Portanto, desde a sua fundação, a cidade do Rio de Janeiro necessitou de pontos defensivos, a fim de garantir a integridade de seu porto, importante local de comércio e de comunicação com o mundo exterior. Tal situação não mudou muito até o início do século XX.

O início da construção do Forte de Copacabana, em 1908, ocorreu durante um momento conjuntural propício para a construção de grandes unidades militares. A chamada “reforma do Exército” começou ainda no final do século XIX, mais precisamente no término do governo de Floriano Peixoto.

A situação do Exército era, de maneira geral, de estagnação. O reaparelhamento mostrava-se necessário, assim como o adestramento da tropa e a modernização das fortalezas. Neste contexto, duas figuras destacaram-se dentre as demais no Exército Brasileiro: os Ministros da Guerra, General João Nepomuceno de Medeiros Mallet e o Marechal Hermes da Fonseca.



Planta da Fortificação

## A CONSTRUÇÃO DO FORTE DE COPACABANA (1908-1914)

O local escolhido para a construção do Forte de Copacabana não se deveu ao acaso. O chamado promontório da Igrejinha – no local existia a Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, ou Socopenapan como chamavam os indígenas – consistia numa região cujos rochedos avançavam contra o mar na direção da entrada da Baía de Guanabara, sendo, portanto o ideal para posicionar canhões de longo alcance que evitassem a aproximação de belonaves que porventura ameaçassem a Capital Federal.

Desde o século XVIII já se pensava em ocupar o local como ponto defensivo, o que foi realizado por iniciativa do Marquês do Lavradio, mas com poucos e pequenos canhões. O avanço da tecnologia naval, combinada à evolução dos canhões e das fortalezas, demandava realizar um projeto eficiente para a construção da fortificação.

Assim, um projeto foi apresentado pelo então Major Tasso Fragoso. Entretanto, este se destinava à acomodação de obuseiros e o fabricante destinado a fornecer o material, a Casa Krupp, conseguiu convencer o Marechal Hermes da Fonseca de que melhor seria colocar no local, canhões de tiro tenso e longo alcance, o que foi aceito. Logo, o projeto inicial foi adaptado para atender ao novo material a ser instalado.

No dia 16 de dezembro de 1907, o então Major Luiz Eugênio Franco Filho, adjunto da Direção de Engenharia, foi designado para dirigir a construção do Forte de Copacabana, seguindo o projeto adaptado, tendo como auxiliares o Capitão Cornélio Otto Kuhn, o 1º Tenente Wolmer Augusto da Silveira e o 2º Tenente Julião Freire Esteves. O Major Wolff, da Casa Krupp, contribuiu também de modo decisivo para a adaptação do novo projeto.

Nomeada a Comissão foi organizado o orçamento pelo Capitão Cornélio Otto Kuhn, que apresentava duas cifras totais: uma, considerando a isenção de direitos aduaneiros para o material importado do estrangeiro no valor de 2.516:721\$568, e outra desconsiderando tal isenção, no valor de 2.946:951\$408 réis.

Tal Comissão iniciou, então, os trabalhos buscando realizar a locação do Forte, demarcando no terreno uma linha que servisse de diretriz às operações, traçando os eixos para a referência das

coordenadas dos pontos principais da obra, demarcando o perímetro do Forte e assinalando as cúpulas e torres.

Após a realização destes trabalhos, a Comissão buscou realizar a escolha do local para o lançamento da pedra fundamental. Escolhido o local, este foi submetido à aprovação do Sr. General de Brigada Modestino Augusto de Assis Martins, então Diretor de Engenharia, que ratificou o cruzamento da galeria central com o corredor existente entre as futuras cúpulas de 190 e 305 m/m.

A partir daí iniciou-se uma corrida contra o tempo, tendo em vista que o Marechal Hermes da Fonseca, então Ministro da Guerra, ordenou o lançamento da pedra fundamental para 31 de dezembro. As dificuldades foram imensas, devido ao pessoal e material reduzidos, a fim de realizar a abertura de uma cavidade na rocha para receber a pedra, que posteriormente seria preparada, recebendo uma caixa formada de um só bloco de cantaria, além do reparo e alargamento da estrada e caminhos de acesso para o local.

Entretanto, face aos problemas, a cerimônia só se realizou no dia 5 de Janeiro de 1908, estando presentes Affonso Penna, Presidente da República; o Prefeito do Distrito Federal; o Ministro da Guerra, Marechal Hermes da Fonseca; entre outros.

Lançada a Pedra Fundamental, os trabalhos foram retomados. Diante da tecnologia existente na época podemos imaginar as dificuldades encontradas pela Comissão para preparar o terreno, dando-lhe o contorno necessário às futuras instalações. Além disso, a aquisição de material também exigiu cuidados e estudos, a fim de combinar o melhor disponível, com as possibilidades geográficas. Aliás, a aquisição de material no exterior, constituiu uma fonte de atraso para a marcha do serviço, uma vez que o material demorava muito a chegar. Além disso, havia sérias dificuldades no desembarque do material, prejudicado pela variação das marés e pelas ressacas que assolavam o litoral carioca, gerando, inclusive, perda de material que caiu no mar. Entretanto, tal situação não gerou ônus para o Erário, uma vez que os fornecedores repuseram o material sem cobrar nada.

Teve início, então a segunda fase, cujo desafio foi o de adaptar o terreno rochoso às instalações e máquinas, a fim de que se pudesse trabalhar o terreno com máxima eficiência. Tal período foi relativamente curto e sem muitos fatos que valessem a pena relatar.

A terceira fase teve seu início em janeiro de 1909, quando o forte começou a ser erguido com o movimento de terra, corte de pedra e aplainamento da rocha para elevação do maciço de concreto, com o fabrico de tijolos (...) britagem de pedra e outros serviços.

Nesta fase, mais dificuldades foram encontradas pela Comissão: as más condições de certas partes da rocha, forçaram os construtores a perfurar abaixo das cotas do projeto, a fim de encontrar a resistência necessária à instalação dos alicerces, acarretando despesas vultuosas, mas que pouco excederam ao total do orçamento, sendo elas de 2.853:616\$585 réis.





A Fortificação em construção - 1912

Entre os anos de 1910 e 1911 toda a área tomou os contornos definitivos da construção do forte. A rocha foi reconstituída, permitindo a completa simbiose entre a construção humana e a da natureza.

No ano de 1912, a fortificação começou a tomar forma, com as suas muralhas laterais de 12 metros de espessura, com as abóbadas já concluídas, formando o “esqueleto” do forte. Enquanto prosseguia a tarefa da formação da grande estrutura de concreto, outros serviços auxiliares eram executados.

Ainda em 1912, foram executados os trabalhos preliminares de montagem do guindaste de 80 toneladas, o assentamento dos trilhos e construção da ponte de desembarque e do plano inclinado sobre o fosso da obra.

Tiveram início também os trabalhos de montagem do material de artilharia, com o assentamento das torres em eclipse de 75 mm, as quais pesavam cerca de 16 toneladas. Ao contrário das cúpulas de 190 mm e 305 mm, elas vieram da Alemanha em um só volume, quase prontas, faltando-lhes apenas a colocação dos canhões e seus acessórios de manejo. O desembarque das cúpulas de 75 mm foi realizado pelo guindaste elétrico de 80 toneladas, constituindo a estréia desse engenho.

A primeira torre a ser assentada na Fortificação depois de completada em seus elementos acessórios, foi a torre sul, cognominada de Ricardo Franco. Em seguida, foi colocada ao norte a torre intitulada de Antonio João. Assistindo atentamente aos trabalhos encontrava-se o agora Presidente da República Sr. Marechal Hermes da Fonseca, acompanhado pelo seu Ministro da Guerra, Vespasiano de Albuquerque e outros oficiais-generais.

Concluída essa etapa, teve início a montagem das cúpulas de 190mm e 305mm. Para isso, foi construído um guindaste elétrico ainda mais poderoso, de 80 toneladas e com uma porcentagem de 12 a 13% de sobrecarga, a fim de facilitar o desembarque dos volumes remetidos pela Casa Krupp.

A operação de desembarque destas cúpulas mostrou-se extremamente delicada face ao grande peso de cada uma, e também devido ao estado do mar no local, geralmente com ondas fortes, não permitindo qualquer atracação de embarcações. Além disso, as cúpulas vieram desmontadas em uma grande quantidade de volumes distribuídas da seguinte forma:

| <b>QUANTITATIVO DE MATERIAL ENVIADO PARA O FORTE DE COPACABANA PELA CASA KRUPP</b> |                              |
|--|------------------------------|
| <b>MATERIAL</b>  | <b>QUANTIDADE DE VOLUMES</b> |
| Canhões de 190 mm  | 1.628                        |
| Canhões de 305 mm  | 1.449                        |

FONTE: Revista do Forte de Copacabana. Rio de Janeiro: 1928, Nº 1. p. 47.

A fim de atender a particularidade do local do desembarque tornou-se necessário um guindaste de lança, de 11 metros de comprimento, dotado de mobilidade sobre via férrea, que tinha 5 metros de bitola, com macacos hidráulicos nos pontos necessários à mudança de linha. O Contrapeso desse engenho era de 75 toneladas, sendo sua montagem trabalhosa e demorada.

Um das fases de maior demora na montagem foi a colocação dos rebites em número de 4.836 na cúpula dos canhões de 305mm e 3.137 na do 190mm. Demorada também foi a colocação dos arrebites nos diversos elementos da superestrutura, com a reunião de todas as peças para a rigidez e indeformabilidade do sistema, que suportava um peso de alguns milhões de quilos, além da centragem das cúpulas e nivelamento de sua base onde assenta a via de rolamento, que suporta o peso completo da subestrutura e sobre a qual a cúpula gira apoiada nos rodetes.

Em 1913, todo o material de artilharia encontrava-se em condições de funcionamento. Houve também a continuidade da betonagem da cobertura, a montagem do material bélico restante, de toda a maquinaria acessória e demais instalações do interior da fortificação.

Finalmente, em 1914, ocorreu o fim da betonagem; com a cobertura final; funcionamento efetivo do maquinário e das peças de artilharia, tendo o gasto total da obra atingido a cifra de 2:853:616\$585 réis. Estava concluída a mais poderosa fortificação da América do Sul:

Há que se fazer, ainda, uma referência especial ao pessoal empregado na construção. Aos militares coube a parte administrativa da obra – levantamento do orçamento, trabalhos de medição de engenharia, etc. – enquanto aos civis coube a participação como mão-de-obra operária.

A já citada Comissão que deu início aos trabalhos de construção da fortificação sofreu alterações, á exceção de seu chefe, com o passar do tempo. Tais modificações foram resultantes de diversos fatores, mas principalmente à rotatividade que é característica do Exército até os dias de hoje. Dentre aqueles que participaram com destaque na epopéia da construção do Forte de Copacabana destacamos:

“Em exercício efetivo: Tenente Coronel Eugênio Luiz Franco Filho - Chefe; Capitão Cornélio Otto Kuhn - auxiliar; 1º Tenente Wolmer Augusto da Silveira - auxiliar; 2º Tenente Oswaldo Gomes da Costa - auxiliar; 2º Tenente Álvaro Joaquim do Amarante – auxiliar.”

E ainda:

“Em exercício temporário: 1º Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira - auxiliar; 1º Tenente Djalma Ulrich de Oliveira - auxiliar; 1º Tenente Lúcio Correia de Castro - praticante; 2º Tenente Feliciano Pires de Abreu Sodré Júnior - auxiliar; 2º Tenente Denis Desiderato Horta Barbosa - praticante; 2º Tenente Arthur Sílio Portella - praticante; 1º Tenente Amaro Mariano da Rocha - auxiliar; 1º Tenente Horácio Campelo de Souza - auxiliar; 1º Tenente Renato de Veiga Abreu – auxiliar; e 1º Ten. Octávio Félix Ferreira da Silva - auxiliar.”

Assim como os militares, a mão-de-obra operária também variou, de acordo com as necessidades da construção, atingindo em 1913 o total de 2.239 homens, sendo o máximo obtido durante todo o tempo que durou a construção da Fortificação.

Todo o pessoal empregado trabalhou arduamente, tendo um desempenho considerado pelo Chefe do Serviço, Tenente Coronel Eugênio Luiz Franco Filho como muito bom.

Concluídos os trabalhos, nada mais restava a ser feito senão inaugurar a Fortificação, o que foi realizado no dia 28 de setembro de 1914, com a presença do Marechal Hermes da Fonseca, Presidente da República e demais representantes da Nação, como pode ser comprovado pela Ata de Inauguração do Forte de Copacabana, a qual foi assinada por todos que participaram da cerimônia, que teve seu início às 14:00 hs.

Inicialmente, o Forte de Copacabana foi guarnecido pela 6ª Bateria Independente de Artilharia de Posição, a qual foi transferida de Santa Catarina para o Rio de Janeiro, tendo como Comandante o Major Marcos Pradel de Azambuja.



Os canhões de 305mm disparam em 1929.

## **OUTROS FATOS HISTÓRICOS IMPORTANTES**

Após a sua construção, o Forte de Copacabana esteve envolvido em importantes episódios da História do Brasil, dentre elas destacamos:

O episódio conhecido como o movimento dos “18 do Forte”, em 1922, que iniciou o ciclo de revoltas tenentistas.

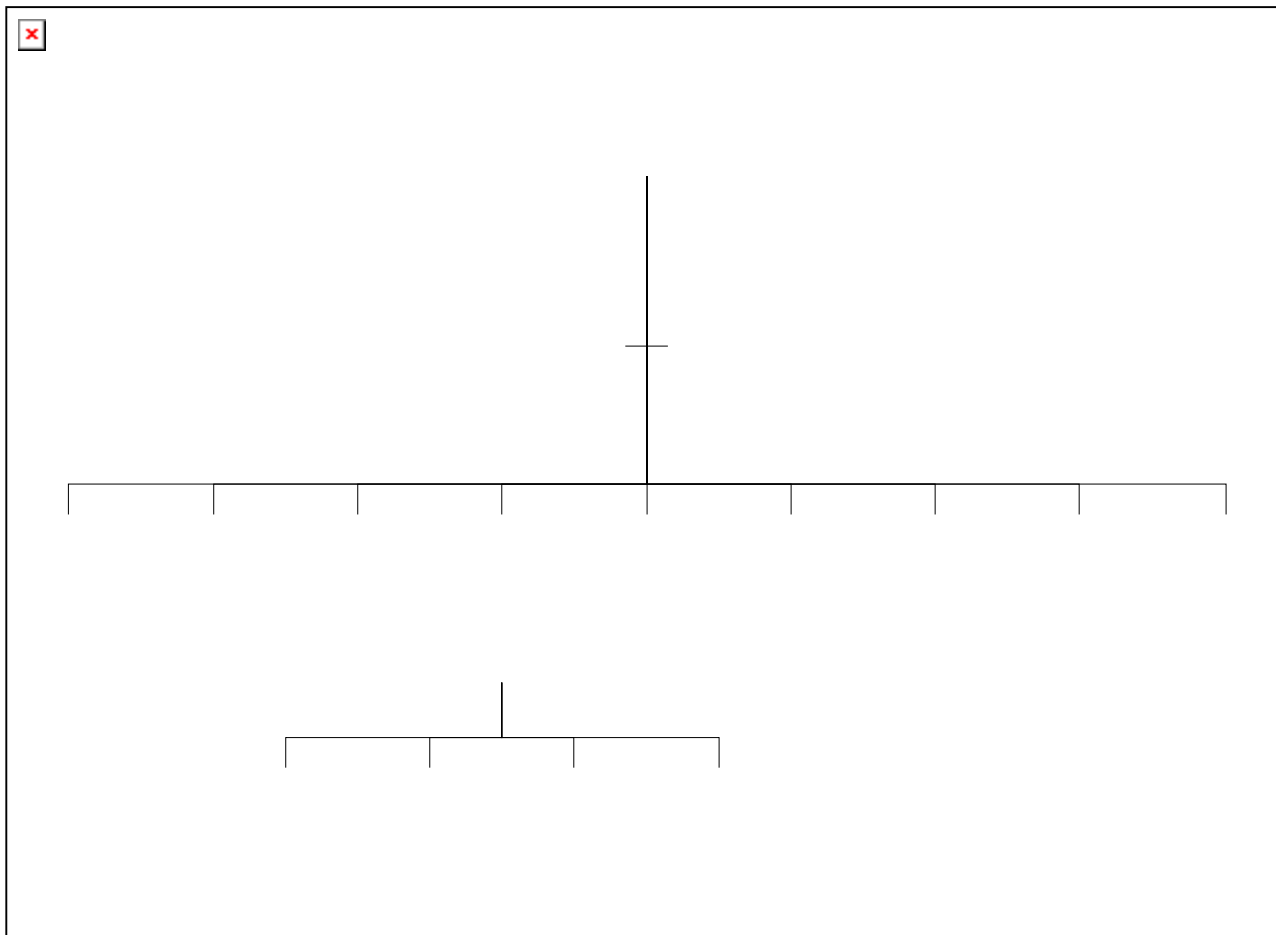
O bombardeio ao Encouraçado São Paulo, em 1924, ainda dentro do ciclo de revoltas tenentistas, quando o Forte recebeu ordens para impedir a fuga do citado Encouraçado para a província de São Paulo.

Durante a Revolução de 1930, o Forte serviu de Unidade Prisional para o Presidente da República deposto, Washington Luiz, tendo este deixado o Forte somente em novembro de 1930, quando de sua partida para o exílio na Europa.

## **ESTRUTURA ORGANIZACIONAL**

Sendo uma Organização Militar, o Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana encontra-se subordinado ao Departamento de Educação e Cultura do Exército e da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército. Assim sendo, sua estrutura organizacional está disposta na seguinte forma:

- Direção e Subdireção;
- Assessoria de Comunicação Social (ACS) e Assessoria de Projetos Estruturais;
- Divisão de Pessoal;
- Divisão de Planejamento e Pesquisa;
- Divisão Administrativa;
- Divisão de Comunicação Social;
- Divisão Técnica; e
- Bateria de Artilharia de Costa (Bia A Cos)



## MODELO DE GESTÃO

O modelo de gestão adotado pelo Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana é o mesmo modelo utilizado pelas demais Organizações Militares do Exército, o Sistema de Excelência Gerencial do Exército Brasileiro(SEG-EB).

Dentro desta filosofia organizacional, o modelo de gestão do MHEX/FC está baseado nos seguintes princípios:

a) **Missão:** Preservar, o patrimônio histórico-cultural, divulgar o Exército para a Sociedade e promover a cultura.

b) **Visão de Futuro:** Ser um museu de excelência reconhecido nacional e internacionalmente nas áreas de preservação, restauração e divulgação da cultura militar e possuidor de Espaço Cultural amplo, moderno e seguro.

c) **Objetivos Estratégicos Organizacionais:**

- 1) Objetivo MHEX/FC 1 –Aumentar a visitação no MHEX/FC, no MMCL, na CHD e no Pantheon de Caxias.
- 2) Objetivo MHEX/FC 2 –Divulgar as tradições do Exército Brasileiro.
- 3) Objetivo MHEX/FC 3 – Preservar o acervo histórico do MHEX/FC, do MMCL, da CHD e do Pantheon Duque de Caxias.
- 4) Objetivo MHEX/FC 4– Cooperar com o desenvolvimento sustentável.
- 5) Objetivo MHEX/FC 5– Valorizar os RH do Museu.
- 6) Objetivo MHEX/FC 6 – a captação de recursos financeiros.



- 7) Objetivo MHEx 7 – Realizar parcerias junto a entidades públicas e /ou privadas para divulgar a cultura e o Museu.
- 8) Objetivo MHEx/FC 8 – Promover a melhoria contínua da gestão.
- 9) Objetivo MHEx/FC 9 – Aperfeiçoar a gestão administrativa do MHEx/FC.

Baseado nos objetivos acima, foram desenvolvidos os seguintes projetos, dentre outros:

**- Projeto Livro Infantil do MHEx/FC**

Livro para difundir entre o público infantil, o Museu Histórico do Exército através de uma forma lúdica.

Objetivo: Difundir a imagem do Museu Histórico do Exército junto ao público infantil.

**- Projeto Livro do MHEx/FC**

Livro para difundir o acervo do Museu, bem como a sua História.

Objetivo: Difundir a imagem do Museu Histórico do Exército junto ao público em geral.

**- Projeto “Coral Vozes do Forte de Copacabana”**

Coral criado para divulgar a imagem do Forte e do Exército Brasileiro.

Objetivo: Divulgar a imagem do Museu Histórico do Exército através da projeção de um evento cultural.

**- Projeto Guarda Histórica do MHEx/FC**

Evento criado para atrair público ao Forte de Copacabana. Consiste na apresentação de bandas marciais civis e militares, além da troca da Guarda do Forte.

Objetivo: Proporcionar ao visitante do Museu mais um atrativo durante a visita.

**- Projeto Troca da Bandeira Nacional**

Evento criado para valorizar as tradições e o civismo. Consiste na substituição da Bandeira Nacional desgastada pela ação do tempo.

Objetivos: Proporcionar um resgate das tradições do Exército Brasileiro; e Difundir a imagem do Museu.

**- Projeto Inter Danças**

Consiste na apresentação de grupos de dança, com participação do público.

Objetivos: Proporcionar ao visitante do Museu mais um atrativo durante a visita, difundir a imagem do MHEx/FC e difundir a cultura.

**- Projeto Sarau no Forte**

Consiste na apresentação de música e poesia ao cair da tarde dos sábados.

Objetivos: Proporcionar ao visitante do Museu mais um atrativo durante a visita, difundir a imagem do MHEx/FC e difundir a cultura.

**- Projeto Encontro de Corais**

Consiste na apresentação de corais de vários pontos do Rio de Janeiro.

Objetivos: Proporcionar ao visitante do Museu mais um atrativo durante a visita, difundir a imagem do MHEx/FC e difundir a cultura.

**- Projeto Banda no Forte**

Apresentação de uma banda nos finais de tarde dos domingos.

Objetivos: Proporcionar ao visitante do Museu mais um atrativo durante a visita, difundir a imagem do MHEx/FC e difundir a cultura.

**- Projeto Semana do Soldado “Soldado por um dia!”**

Forma lúdica de mostrar às crianças um pouco da vida militar.

Objetivo: Proporcionar uma forma de divulgar o nome do MHEx/FC, nos meios militar e civil, por meio de atividades sociais.

**- Projeto “Centro de Literatura”**

Centro criado para reunir poetas e escritores, produzindo cultura.

Objetivo: Proporcionar um evento de difusão de cultura.

### **- Projeto de Inclusão Digital**

Criado para proporcionar oportunidade de inclusão digital para militares, crianças e idosos.

Objetivo: Instalar um centro de inclusão digital para o público interno do MHEX/FC, no uso de software livre.

A partir dos projetos e do modelo de gestão adotado, o Museu Histórico do Exército conseguiu alcançar os seguintes prêmios:

Diploma Programa Qualidade Rio – Categoria Bronze

- Instituição: Programa Qualidade Rio (PQ Rio)
- Ano de Referência: 2007
- Ano da Premiação: 2008

XIX Prêmio UPIS de Turismo

- Instituição: UPIS Faculdades Integradas / DF
- Ano da Premiação: 2008

Certificado de Reconhecimento – Nível 2

- Instituição: GESPÚBLICA
- Ano da Premiação: 2009

Diploma Programa Qualidade Rio – Categoria Ouro

- Instituição: Programa Qualidade Rio (PQ Rio)
- Ano de Referência: 2009
- Ano da Premiação: 2010

### **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

Como foi mencionado anteriormente, o Museu Histórico do Exército compreende um grande centro cultural. As despesas para manter um complexo no qual trabalham cerca de 400 pessoas são consideráveis. Os eventos culturais já citados, como a Troca da Guarda, o Banda no Forte, o Encontro de Corais, entre outros, contribuem para captar público para o Museu, resultando no aumento da bilheteria. Como resultado, faz-se necessário dinamizar a exposição, colocando à disposição do público, além das exposições de longa duração encontradas no Forte e no Museu, exposições temporárias que também ocupam esses locais. No entanto, é quase impossível sobreviver com a receita da bilheteria e dos recursos proporcionados pelo Fundo do Exército. Assim, grandes eventos são terceirizados, através da cessão de espaços da área livre do complexo cultural, mediante indenização. São esses recursos que proporcionam a modernização do Museu, bem como a implantação de novos projetos, ainda que a maior parte da arrecadação seja direcionada para o Fundo do Exército.

## DIVULGAÇÃO

Existem basicamente três formas de divulgação das atividades do Museu saber:

A **Agenda Cultural**, um informativo mensal distribuído ao público do Museu, hotéis e redes de turismo, com toda a programação cultural do MHEx/FC;

O **Informativo Cultural**, uma espécie de revista que mostra os eventos que ocorreram no MHEx/FC; e

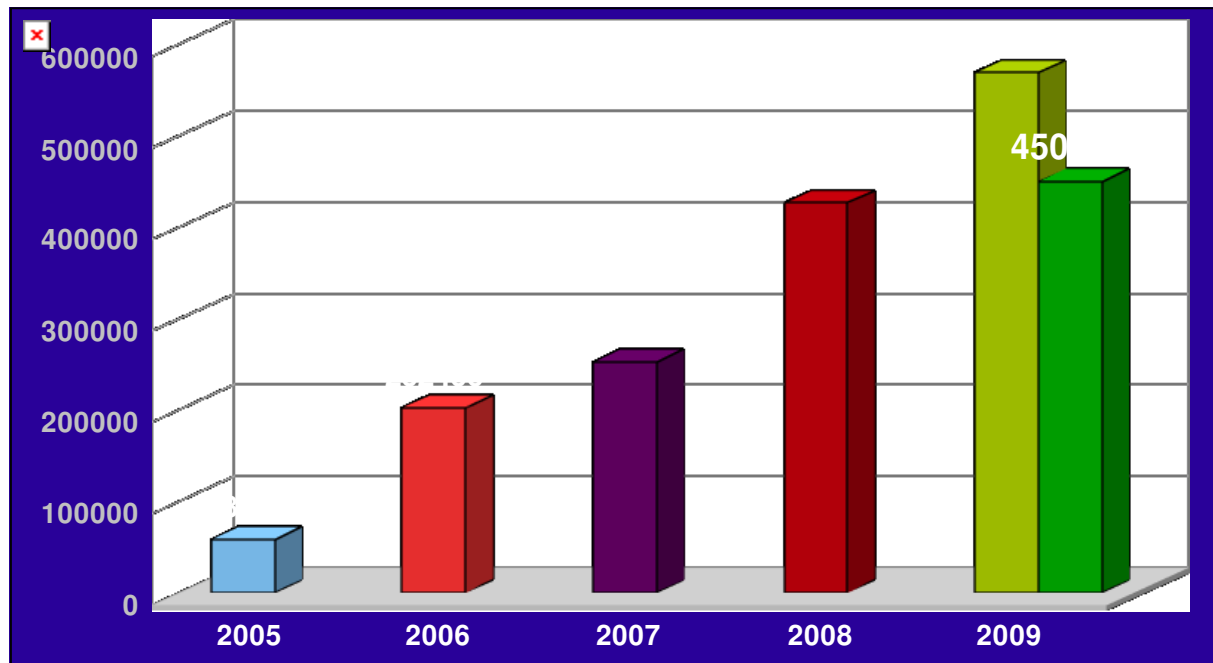
O **Informativo Técnico**, material que produz artigos e reportagens sobre o trabalho técnico realizado pelo corpo técnico do Museu.

Além desse material, todos os eventos são transformados em matéria para divulgação na mídia falada e escrita, conferindo ao Museu Histórico do Exército um número elevado de inserções positivas na mídia nos últimos anos.

## VISITAÇÃO

Com as medidas e modelos adotados a visitação do Museu aumentou gradativamente, tendo, inclusive superado as metas estabelecidas.

### VISITAÇÃO 2006 - 2009



(Dados compilados até 31 de outubro de 2010)

## MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO

Paralelamente ao aumento do número de visitantes ocorreu também a necessidade de aumentar os esforços para conservação e manutenção. Assim, manteve-se o planejamento inicial, onde toda a segunda-feira é realizado a limpeza e conservação das áreas externas, além da conservação dos espaços de exposições e acervo, pelos museólogos e demais membros da Divisão Técnica.

O aumento da visitação trouxe também a necessidade de terceirizar o serviço de limpeza de praticamente todos os locais do Museu.

No tocante à Fortificação, em pelo menos uma vez a cada mês os espaços internos tem a sua pintura renovada, devido à ação das infiltrações. Os canhões são constantemente mantidos, a fim de estarem em condições de realizar o tiro de salva. As louças e metais recebem polimento

semanalmente, sempre sob supervisão do Laboratório e Restauração e Conservação, que supervisiona também toda e qualquer ação no tocante a obras e melhorias. A exposição de longa duração está a cargo da Museologia, sendo esta responsável por todas as informações. O maior desafio é deter as infiltrações e conter a ação da maresia e da humidade, principalmente nas áreas mais interiores da Fortificação.

## **INSTALAÇÕES DA UNIDADE**

O Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana possui quatro cinco prédios com funções bem distintas. Logo na entrada, encontra-se o antigo Pórtico, com o Corpo da Guarda, onde está localizada a recepção e a Seção de Eventos. Logo após, há o prédio principal, construído na década de 1920, que abriga em seu primeiro andar o Gabinete do Diretor e Comandante, a Assessoria de Comunicação Social e a centenária Confeitaria Colombo. No segundo andar estão a Divisão de Planejamento e Pesquisa, a Divisão de Pessoal e a Divisão Administrativa, bem como o Laboratório de Restauração e Conservação e a Museologia, além do Salão de Exposições República. O terceiro e último andar abriga o Salão de Exposições Colônia/Império, a Reserva Técnica e o Auditório Santa Bárbara.

O segundo prédio data da década de 1930. Ele abriga a Bateria de Artilharia de Costa, o Restaurante da Unidade, a Galeria de Arte e o Salão de Eventos Culturais, além do Gabinete Odontológico.

O terceiro prédio está isolado dos demais, abrigando o almoxarifado e a Seção de Serviços Gerais. Tal prédio foi construído entre as décadas de 40 e 50, do século passado.

Finalmente, o quarto e último prédio é a Fortificação, uma edificação construída entre 1908 e 1914.

Como podemos ver, todos os prédios são do século passado, o que naturalmente traz problemas estruturais no tocante as partes elétrica e hidráulica. Outro fator importante é o tombamento de todos os prédios, o que impede a alteração da fachada.

## **ACESSIBILIDADE**

Sendo um espaço cultural que pretende receber o maior número de visitantes, o Museu Histórico do Exército, através da sua Direção e Comando, tem se esforçado para permitir a acessibilidade em todos os níveis. Assim, a área compreendida do complexo cultural possui em toda a sua extensão de uma passarela para facilitar o acesso de cadeirantes. O Museu está dotado também de elevador e rampas com corrimão para permitir o acesso de portadores de necessidades especiais a todos os locais.

As calçadas são dotadas de rampas no principais acessos e se tem estudado a viabilidade de construção de um elevador panorâmico próximo à área da Fortificação para melhorar a acessibilidade à cupula dos canhões.

## **CONCLUSÃO**

Assim como todos os sítios históricos brasileiros, o Museu Histórico e Forte de Copacabana necessita de recursos de monta considerável para se manter. Através dos grandes eventos tem-se buscado arrecadar o numerário necessário para a manutenção básica. Entretanto, a restauração da Fortificação só será possível por meio de gestões que proporcionem uma quantia considerável, daí a impossibilidade de restaurar a Fortificação até o momento.

## **FONTES**

- Acta de Lançamento da Pedra Fundamental do Forte de Copacabana.
- Livro Histórico do Forte de Copacabana.
- Boletins Internos do Forte de Copacabana (1914).
- Planta da Construção do Forte de Copacabana, de autoria de Augusto Tasso Fragoso.
- Planta da Construção do Forte de Copacabana, segundo a concepção do Major Eugênio Franco.

## **BIBLIOGRAFIA**

- A Defesa Nacional. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.
- ALVES, J. V. PORTELLA F. Seis Séculos de Artilharia. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1959.
- AZAMBUJA, Inácio Carneiro de. Fortificações Permanentes. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.
- FONSECA FILHO, Hermes da. Marechal Hermes – Dados para uma biografia. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1961.
- FROTA, Guilherme de Andréa. Quinhentos Anos de História do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- MAGALHÃES, J. B. A Evolução Militar do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.
- OLIVEIRA, Almir de. O Marechal Hermes da Fonseca. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 1956.
- PEREGRINO, Umberto. Significação do Marechal Hermes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.
- PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos. Rio de Janeiro: S Ge Ex – Imprensa do Exército, 1957.
- Revista do Forte de Copacabana. Rio de Janeiro: Forte de Copacabana, 1928, nº 1.
- Revista do Forte de Copacabana – 25º Aniversário. Rio de Janeiro: Forte de Copacabana, 1939.
- TORRES, Theodorico Lopes Gentil. Ministros da Guerra do Brasil (1808-1946). Rio de Janeiro: 1947.